

Apresentação

Este é o primeiro volume da *Organon*, já próxima do seu quinquagésimo número, dedicado exclusivamente à literatura grega. Pode ser um fato banal para outros estados e outras universidades do Brasil, mas, para nós, é um feito digno de celebração, ante as adversidades de uma região e de uma universidade tão inóspitas para as letras clássicas como o são o Rio Grande do Sul e a UFRGS.

A importância desse feito, contudo, está menos no seu ineditismo do que na sua qualidade. Ao olhar os trabalhos ora publicados em seu conjunto, tenho a certeza de que toda condescendência deve ser rejeitada: oferece-se uma contribuição para os estudos clássicos brasileiros que é incipiente em âmbito geográfico e institucional, mas que não é pequena em relevância científica.

O eixo ao redor do qual giram todas as contribuições presentes neste número, como já mencionado, é a literatura grega, entendida em sua acepção mais ampla como o legado cultural que os gregos antigos nos transmitiram, seja sob a denominação de filosofia, de história ou de literatura em sentido estrito.

Este número comporta dois estudos sobre épica: o primeiro, de Teodoro Rennó Assunção (UFMG), aborda a *Odisséia* homérica para explicitar as características da recepção à mesa nas relações de *philótes* descritas na obra; o segundo, de Guilherme Gontijo Flores (UFPR), investiga o cruzamento de gêneros literários operado por Apolônio de Rodes em suas *Argonáuticas*. A tragédia está representada por dois artigos sobre o *Hipólito* de Eurípidés; Fernando Brandão dos Santos (UNESP) analisa a obra tendo como fios condutores as noções de canto e de espetáculo, enquanto Fernando Crespim Zorner da Silva (doutor pela USP) a interpreta a partir do êxodo. Henrique Cairus (UFRJ) e Sandra Lúcia Rodrigues da Rocha (UnB) representam a história antiga: ele investiga os conceitos de verdade e realidade na historiografia antiga, ela analisa uma célebre passagem de Tucídides para defender que, no início do quarto século, a leitura em voz alta ainda era o método de recepção para o texto do historiador, que tinha plena consciência de dirigir-se a ouvintes. Os filósofos são os mais bem representados neste número, embora prevaleça nos artigos a relação entre filosofia e literatura ou a crítica literária: Jacyntho Lins Brandão (UFMG) e Glenn W. Most (Scuola Normale Superiore di Pisa e University of Chicago) concentram seus estudos na *República* de Platão, este buscando descobrir a natureza e a realidade da oposição entre filosofia e poesia alegada por Sócrates, aquele investigando o conceito de *diégesis* em Platão, seus contemporâneos e antecessores; Pierre Destrée (Université Catholique de Louvain e FNRS), por sua vez, tenta reconstruir a teoria aristotélica da comédia a partir do que nos resta da *Poética* do estagirita; e Loraine Oliveira (UnB) interroga certos aspectos das teorias de Plutarco acerca da exegese de mitos e mostra como ela mistura elementos dos ritos místicos, da religião egípcia e da filosofia platônica e neopitagórica. O único estudo dedicado à comédia é o de Maria Celeste Consolin Dezotti (UNESP), ainda que a comédia também figure nos trabalhos de Glenn W. Most e de Pierre Destrée; nesse estudo, ela analisa o coro do *Díscolo* de Menandro, a fim de desmontar o consenso de que, na época de Menandro, o coro tinha se separado inteiramente da ação dramática. O trabalho de Évelyne Prioux (CNRS), de fôlego impressionante, trata de poesia helenística: neste, assim como em outros de seus trabalhos, ela transita entre a arqueologia, a história da arte e a literatura, ao analisar uma coleção de epigramas e

pinturas descobertos numa casa romana em Assis, a chamada “Casa de Propércio”, para revelar seus aspectos intertextuais e metapoéticos.

A seção livre deste número da *Organon*, ao contrário do que se poderia esperar de uma seção livre, não tem importância e relevo menores para os estudos clássicos brasileiros do que os doze estudos publicados; a bem da verdade, com ela se deleitarão não apenas os classicistas, mas todos os apreciadores da literatura. Dois dos mais reconhecidos tradutores poéticos brasileiros, Trajano Vieira (UNICAMP) e João Ângelo de Oliva Neto (USP), mimaram a revista com amostras ainda inéditas do seu trabalho esmerado: João Ângelo de Oliva Neto nos deu trinta e uma traduções de poemas gregos e latinos, e Trajano Vieira, todo o primeiro canto da *Odisséia*!

Cumpra, finalmente, agradecer aos participantes deste número da *Organon*, primeiramente pela excelência de suas contribuições e, ainda, pela gentileza e rapidez com que responderam aos convites que lhes fiz. Sou incapaz de expressar de modo suficiente a alegria que sinto em poder reuni-los aqui. Não poderia deixar de agradecer também à professora Maria Cristina Leandro Ferreira, editora da *Organon*, pela prontidão em responder às minhas dificuldades.

José Baracat Júnior
Organizador